

## **Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro**

CESAR EPITÁCIO MAIA

### **Secretaria Municipal de Educação**

SONIA MARIA CORRÊA MOGRABI

#### **Subsecretaria**

ROJANE CALIFE JUBRAM DIB

#### **Chefia de Gabinete**

MARIZA LOMBA PINGUELLI ROSA

#### **Assessoria Especial**

SYLVIA REGINA DE MORAES ROSOLEM

#### **Assessoria de Comunicação Social**

LÉA MARIA AARÃO REIS

#### **Assessoria Técnica de Planejamento**

LUIZA DANTAS VAZ

#### **Assessoria Técnica de Integração Educacional**

PAULO CESAR DE OLIVEIRA REZENDE

#### **Assessoria Técnica de Informática**

MARCELO DE LIMA CASTELLO BRANCO

#### **Departamento Geral de Educação**

SONIA MARIA MALTEZ FERNANDEZ (IN MEMORIAM)

LENY CORRÊA DATRINO

#### **Departamento Geral de Administração**

LUCIA MARIA CARVALHO DE SÁ

#### **Departamento Geral de Recursos Humanos**

MARIA DE LOURDES ALBUQUERQUE TAVARES

#### **Departamento Geral de Infra-Estrutura**

JOSÉ MAURO DA SILVA

## **Redação Final**

SIMONE MONTEIRO DE ARAUJO

## **Agradecimentos**

ÀS ESCOLAS MUNICIPAIS PELA CESSÃO DAS IMAGENS.

AOS PROFESSORES REGENTES DE SALA DE LEITURA PÓLO E SATÉLITES E REPRESENTANTES DAS EQUIPES DA DIVISÃO DE EDUCAÇÃO DAS DEZ COORDENADORIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO INTEGRANTES DO GT MÍDIA NOS ANOS DE 2001 A 2004, PELA PARTICIPAÇÃO NAS DISCUSSÕES DE APOIO À ELABORAÇÃO DO TEXTO.

À PROF.ª REGINA DE ASSIS PELA VALIOSA CONTRIBUIÇÃO NOS ORIGINAIS.

## **Créditos Técnicos**

### **Coordenação Técnico-Pedagógica**

LENY CORRÊA DATRINO

MARILA BRANDÃO WERNECK

NUVIMAR PALMIERI MANFREDO DA SILVA

LEONOR CHRISMAN DE MACEDO

MARIA ALICE OLIVEIRA DA SILVA

CARLA FARIA PEREIRA

### **Equipe da Divisão de Mídia Educação**

ANA MARIA SOUZA DA COSTA

ANA CRISTINA BOLDI FERNANDES

ANA MARIA DE SOUZA LOBO CAETANO

ARMINDIARA BRAGA LONGO DA SILVA

GIULIANA DIETRICH CARVALHO PIMENTEL

MARIA DE JESUS MOREIRA

MARILEA RODRIGUES DOS SANTOS

MARILZE CORRÊA FELIPE

NEYLA MARIA TAFAKGI

REGINA HELENA MACHADO VEIGA

RITA DE CÁSSIA LIMA VAZ JACINTA

ROSILÉA PACHECO DE AZEVEDO

### **Equipe de Apoio**

MARILENE MARTINS DE CARVALHO BARBOSA

THEREZINHA MIRANDA

GIULIANA DIETRICH CARVALHO PIMENTEL

### **Criação de Capa e Projeto Gráfico**

TELMA LÚCIA VIEIRA DÁQUER

DALVA MARIA MOREIRA PINTO

### **Supervisão e Produção Gráfica**

GRÁFICA IMPRINTA EXPRESS

### **Fotografia**

ARQUIVO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

### **Editoreção Eletrônica, Revisão e CTP**

GRÁFICA IMPRINTA EXPRESS

### **Impressão**

GRÁFICA IMPRINTA EXPRESS

## Aos professores da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro

**E**m 1996, o Núcleo Curricular Básico MULTIEDUCAÇÃO foi encaminhado a toda Rede Municipal de Ensino da Cidade do Rio de Janeiro, tendo como pressuposto “lidar com os múltiplos universos que se encontram na escola” (NCBM, p.108), buscando a unidade na diversidade.

Na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos, procuramos desenvolver um trabalho de qualidade, promovendo a aprendizagem e privilegiando uma proposta que traz para dentro da escola a vida, o dia-a-dia, o mundo. Esse mundo passa por constantes transformações e a escola precisa acompanhar essas mudanças. Por isso, a necessidade de atualização do Núcleo Curricular Multieducação, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais em seus Princípios Éticos, Estéticos e Políticos.

Fazemos parte da história da educação da Mega - Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. História de uma rede coordenada por uma Secretaria Municipal de Educação, formada por 10 Coordenadorias Regionais de Educação, abrangendo 1054 Unidades Escolares, 193 Creches, 20 Pólos de Educação Pelo Trabalho, 9 Núcleos de Artes, 12 Clubes Escolares, 1 Centro de Referência em Educação Pública e 1 Centro de Referência em Educação de Jovens e Adultos, compreendendo funcionários, professores e alunos.

É uma história marcada por lutas, sonhos, projetos e que vem objetivando a garantia do acesso, permanência e êxito escolar de todas as crianças que, enquanto alunos desta rede, têm o direito à livre expressão, à interação com os seus pares, ao diálogo com os professores, direção e outros profissionais, exercitando assim a sua cidadania.

Acreditando na democracia é que optamos pela valorização da representatividade como um dos eixos desta gestão, identificada na formação de diversos grupos: Conselho Diretor, Conselho de Professores,

Conselho Escola-Comunidade, Grêmios, Comissão de Professores e Representantes dos Coordenadores Pedagógicos. Dessa forma, estabelecemos com a comunidade escolar um processo dialógico, desde 2001. Foram ouvidas múltiplas vozes: da comunidade escolar e das Coordenadorias Regionais de Educação. Expectativas, conceitos, críticas e sugestões foram apresentadas. Foi nosso objetivo instaurar um tempo de gestão participativa, valorizando as muitas experiências que emergem do campo, as histórias do cotidiano dos diversos atores envolvidos no cenário educacional.

A partir dos encontros com esses diferentes segmentos, várias sugestões de temas para a atualização da Multieducação foram encaminhadas. Elencamos os temas prioritários, a partir das proposições feitas, sendo aceitos e incorporados às duas Séries que serão publicadas: “Temas em Debate” e a “Multieducação na Sala de Aula”.

Dentre as diversas ações da Secretaria Municipal de Educação na produção dos fascículos, destacamos o trabalho dos professores na elaboração dos textos.

Sendo assim, houve fóruns de professores da Educação Infantil, Grupos de Estudos dos professores regentes de Sala de Leitura, Grupo de Representantes de professores de 5ª a 8ª série, bem como de professores da Educação de Jovens e Adultos.

Esperamos que a discussão do material produzido continue em todos os espaços das Unidades Escolares, das Coordenadorias Regionais de Educação e nos diversos Departamentos do Órgão Central, permitindo reflexões e conclusões.



Sonia Maria Corrêa Mograbi

Secretária Municipal de Educação

# MÍDIA E EDUCAÇÃO

---

---

*A nova realidade tecnológica e cultural cria, constantemente, novos desafios e, com eles, a exigência de uma visão mais crítica e ampliada dos recursos que estão à volta de todos nós, adultos e crianças, dando nova ordem ao tempo e espaço em que vivemos. Outras relações se estabelecem entre o sujeito e a constituição de sua identidade, sendo significativo o papel das linguagens na formação destas relações e na vida que se transforma, permanentemente.*

*(MULTIEDUCAÇÃO, 1996, p.132)*

---

---

**N**os dias de hoje, é inegável a importância da discussão sobre as tecnologias da informação e comunicação e seus impactos sobre os processos de constituição de conhecimentos, valores e atitudes. Nesse contexto, a escola necessita (re)pensar o seu papel na sociedade, buscando ressignificar as práticas pedagógicas cotidianas, à luz de novos paradigmas.

Este fascículo tem como objetivo continuar a discussão na perspectiva da apropriação crítica e do uso das diferentes mídias na/pela escola, iniciada em 1996, acrescentando algumas questões, que, ao longo desse tempo, somaram-se à trajetória de educadores e alunos da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Pretende-se, portanto, contribuir para a reflexão sobre as relações que se estabelecem entre mídia e educação, buscando subsidiar o desenvolvimento de práticas mídi-educativas. Tal reflexão se dá sob a ótica de uma escola que, sintonizada com seu tempo, propõe-se consolidar cotidianamente a construção de ***uma sala de aula do tamanho do mundo.***

# UM COMEÇO DE CONVERSA...

Reunião de família. Atentamente, Lucca, 3 anos, observa o tio, que, orgulhoso, retira de uma grande mala uma vitrola e vários Long-Plays, para “relembrar seus tempos de menino”. Admirado, o menino olha para a mãe e diz:

– Nossa, mamãe, que CD grande!

O menino, com seus 3 anos, apresenta suas hipóteses na tentativa de entender o mundo em que vive. Certamente seus referenciais são distintos dos de seu tio ou de sua mãe, filhos de um outro tempo. Diferentemente do menino, os adultos testemunharam a invenção da vitrola e acompanharam sua passagem para a era dos CD players.

Ao longo da história da humanidade, as pessoas têm buscado criar e/ou aperfeiçoar modelos que atendam às suas necessidades de comunicação. Nesta incessante busca, diversos modos de expressão e veiculação de idéias, sentimentos e sensações traduzem-se em produtos da criatividade humana apoiados em diferentes linguagens.

Das primeiras prensas gráficas à internet, assim como das TVs em preto e branco às telas planas de alta definição, testemunhamos a trajetória evolutiva das tecnologias. Mas, ao buscar formas de se fazer entender, de ver e de ser visto, as pessoas produzem também padrões de conduta, pautadas em valores e princípios constituídos culturalmente.

Ao apresentarem mecanismos mais sofisticados de funcionamento, tais tecnologias introduzem outros modos de representar o mundo e de se relacionar nele e com ele. Como nos comunicávamos à distância antes do celular e como o fazemos depois dele?

As mudanças ocorridas nos meios de comunicação nos últimos séculos não

No século XVI, temiam-se os efeitos prejudiciais das peças de teatro sobre o público em geral. Hoje nos preocupamos com a influência negativa da tv e da internet sobre valores e comportamentos.

(BRIGGS e BURKE, 2004)

podem ser analisadas, portanto, como uma questão meramente tecnológica, pois esta abordagem seria reducionista, mas, sobretudo, como questão cultural, na qual o contexto social em que tais mudanças se processam tem grande importância.

Outro aspecto importante a ser analisado é que, apesar de relativamente recente, principalmente no que se refere à questão das mídias como foco de reflexão no campo educacional, a discussão sobre elas, seus impactos e transformações, não é tão nova assim. Segundo Asa Briggs e Peter Burke, “alguns fenômenos da mídia são mais antigos do que se imagina.”

O termo mídia deriva do idioma inglês “media”, significando o conjunto de meios de comunicação e informação utilizados na sociedade do conhecimento globalizado.

Os autores evidenciam que uma análise mais profunda pressupõe a consideração da dimensão histórica, apontando para o cuidado em “evitar dois perigos: o de afirmar que tudo piorou, ou admitir que houve um progresso contínuo.” É preciso destacar que esse não é um processo linear, em que, ao ser criada, uma nova mídia simplesmente assume o lugar da anterior. Ao serem introduzidas na sociedade, novas mídias não só coexistem como interagem com as anteriores, como exemplificam Briggs e Burke, ao afirmarem que “com o surgimento das publicações, os manuscritos continuaram sendo importantes, assim como os livros e o rádio na idade da televisão.” Em síntese, eles apontam para um olhar sobre a mídia como “um sistema em contínua mudança, no qual elementos diversos desempenham papéis de maior ou menor destaque.”

Vivemos hoje num espaço-tempo em que a fragmentação, a multiplicidade das informações e a grande velocidade em que circulam constituem-se como características marcantes. Impulsionadas pelos avanços tecnológicos, tais características contribuem decisivamente para novas configurações políticas, éticas e estéticas das relações sociais, dos modos de produção e da constituição de conhecimentos dentro e fora da escola. Em suma, mídias são uma nova dimensão da vida humana, dos modos de ser e de conviver, que alteram inclusive as concepções sobre as dimensões de tempo e de espaço e transformam os conceitos de realidade e virtualidade. Assim, entendemos que a discussão sobre as mídias, suas respectivas linguagens, seus usos e funções e suas implicações, bem como o contexto social do qual emergem e em que se desenvolvem, estão dentro da escola, porque, entre outras razões, também estão fora dela, nas ruas e salas de estar, no imaginário das pessoas, dos nossos alunos e professores.

# MÍDIA E ESCOLA

## *Alguns aspectos no caminho da apropriação crítica e da integração às práticas pedagógicas*

Decidida a mudar a dinâmica de seu trabalho, a professora leva a TV para a sala. Após a realização de várias atividades, um aluno pergunta:  
– Professora, hoje não vai ter aula?

Ao longo de seus mais de quatro séculos de existência, a escola tem estabelecido uma relação com a sociedade, marcada por aproximações e rupturas, sempre circunscrita a cada momento histórico e aos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais subjacentes em cada contexto. Nos últimos anos, as discussões sobre a função social e o papel da escola na chamada sociedade da informação, têm suscitado no meio educacional a reflexão acerca de diversas questões, das quais destacamos: a mudança da centralidade da palavra falada e escrita para uma diversidade de práticas e modos de produção de discursos, fortemente amparada e provocada pelas mídias; a passagem da concepção de escola como tutora e guardiã absoluta de conhecimentos socialmente produzidos e sistematizados, para o reconhecimento de sua coexistência com outros espaços educacionais formais e não-formais. Essas e outras questões têm sido objeto de discussão e análise, no sentido de apontar caminhos para uma reconfiguração da escola e das relações de ensino que nela se constituem, buscando alinhá-la com as demandas de seu tempo.

Diversos estudos têm sido desenvolvidos nessa área, tentando compreender as relações que se estabelecem entre mídia, educação e sociedade. Os diferentes referenciais teóricos constituídos, nem sempre apontam numa mesma direção, podendo respaldar, refutar, desvalorizar ou ressignificar a influência dos meios de comunicação nos processos formais de educação. No entanto, um consenso parece possível: negar a influência da mídia na educação seria uma inconseqüência e um grave equívoco, que pode gerar um abismo ainda maior de exclusão no mundo do conhecimento e da cidadania.

Reconhecemos que os educadores de hoje têm, mais do que nunca, a tarefa de (re)construir cotidiana e coletivamente novos sentidos para sua prática. Diversos aspectos precisam ser considerados neste caminho, dos quais destacaremos alguns para nossa reflexão:



## A NOVA (DES)ORDEM CULTURAL

Se entendemos que o conhecimento não se traduz como condição inata do ser humano e nem é fruto da absorção passiva de uma influência externa determinante, decorrência de um processo ordenado linear e universal, é necessário analisarmos outras possibilidades conceituais. Identificamos, assim, a concepção de constituição de conhecimentos como resultado de uma rede de relações sociais simbólicas, imersas num determinado contexto histórico e cultural. Tal concepção põe em evidência a compreensão de que os diferentes modos de produção e circulação de informações em nossa sociedade se dão em múltiplas direções e sentidos, em tempos/espacos difusos, causando, muitas vezes, a sensação de caos e descontrolo frente a uma realidade fragmentária e multifacetada, em constante transformação.

Os meios de comunicação assumem, assim, um papel fundamental, ao refletirem e afetarem de modo significativo as relações sociais e a constituição de identidades, impactando e, muitas vezes, determinando os modos de ser, pensar e agir. Com relação à televisão, por exemplo, Barbero (2000, p. 87) afirma que

[...] é justamente na cena doméstica onde o descentramento produzido pela televisão se torna verdadeira desordem cultural[...] a televisão curto – circuita os filtros de autoridade parental[...] O seu uso, ao não depender de um complexo código de acesso, como o livro, expõe as crianças, desde que abrem os olhos, ao mundo antes velado dos adultos.

A *geração videoclípe*, que já nasce numa sociedade em que as chamadas *novas tecnologias* lhe são familiares, estabelece com elas relações de conhecimento diferenciadas das dos adultos, remanescentes da cultura letrada, linear. Assim, as novas formas de constituição de conhecimentos, decorrentes das múltiplas possibilidades de interação a partir das diferentes linguagens, trazem também implicações nos processos de aprendizagem e nas relações de ensino. Pode-se mesmo falar de novas linguagens ou dialetos criados por crianças e adolescentes, que desafiam pais e professores no exercício de suas atividades pedagógicas.

## REALIDADE OU FICÇÃO?

Mergulhados num mundo de informações que se fabricam e se propagam de forma rápida e multidirecional, muitas vezes nos vemos confusos, com dificuldade para identificar *verdades e mentiras*, para distinguir *realidade de ficção*. Observa-se também que a produção de conhecimentos não corresponde em mesma medida à enorme quantidade de informações que circulam. Nesse contexto, um número significativo de pessoas, cada vez mais incapazes de distinguir informação de conhecimento, constitui uma massa acrítica, que facilmente se deixa seduzir pelo *canto da sereia* dos meios de comunicação.

Devido ao avanço dos meios de comunicação, tem ficado difícil definir o que é real e o que é ficção. Quantas vezes fatos da vida real estão imbricados nos enredos das ficções televisivas ou do cinema? Especialmente a televisão alterou em muito as relações entre o existente e o inventado, entre o distante e o próximo e mesmo entre os valores morais e estéticos. Até mesmo o tempo, cronologicamente controlado, mudou sua estrutura ao manifestar-se na tela.

(MÁRCIA LEITE, 2005)

O fascínio das telinhas da TV e do computador, a explosão de cores que vendem as receitas de beleza e sucesso fácil das capas de revistas, as pseudonotícias veiculadas pelos jornais e rádios compõem o lado perverso da mídia, que também não pode ser ignorado. Nesse cenário, há um componente de forte impacto na constituição de identidades e disseminação de ideologias, fabricando desejos, alterando a noção de pertencimento dos sujeitos nos diferentes grupos sociais de que participam, orientando suas escolhas e modos de se relacionar com a realidade.



Quino

Obviamente que não se trata aqui de culpar a mídia pelos *males* da sociedade, mas de buscar compreender os processos pelos quais, inegavelmente, ela exerce sua influência nos modos de ser, de pensar, de avaliar e de agir, seja a partir do acesso a informações, possibilitando a ampliação da consciência crítica e do conhecimento, seja por massificar idéias e atitudes, num processo contínuo e gradativo que pode gerar alienação, inversão de valores e conhecimentos falsos e ilusórios.

## O HIPERTEXTO E O NOVO LETRAMENTO

O hipertexto é uma modalidade textual não-linear que nos remete à possibilidade de uma leitura multisseqüencial, sem que haja uma única ordem predeterminada. Com o advento da escrita digital, a hipertextualidade ganha força, a partir dos *nós* (links) existentes na grande rede de comunicação. Assim como na internet, a mente

Estamos chegando à forma de leitura e de escrita mais próxima do nosso próprio esquema mental: assim como pensamos em hipertexto, sem limites para a imaginação a cada novo sentido dado a uma palavra, também navegamos nas múltiplas vias que o novo texto nos abre, não mais em páginas, mas em dimensões superpostas que se interpenetram e que podemos compor e recompor a cada leitura.

(RAMAL, 2002)

humana não trabalha de forma seqüencial e hierárquica, mas sim por associações e conexões, tecendo uma trama a partir de significações e ressignificações. Analisando, relacionando, reformulando e construindo conceitos a partir de uma rede de idéias e informações, são estabelecidas inúmeras relações e constituídos conhecimentos.

Para Magda Soares (2002), o desenvolvimento de novas práticas digitais de leitura e de escrita a partir da cibercultura introduz, ao lado das já tradicionais práticas sociais quirográficas e tipográficas, um novo tipo de letramento. Considerando que letramento “designa o estado ou condição em que vivem e interagem indivíduos ou grupos sociais letrados”, a autora destaca o papel que as tecnologias da escrita, como instrumentos das práticas sociais, podem assumir na organização e re-organização desse estado ou condição.

As conseqüências dessas constatações sobre as práticas pedagógicas, especialmente no Ensino Fundamental, são consideráveis no âmbito da leitura e escrita.

## ZAPEANDO DO LOCAL AO GLOBAL

Uma situação bastante recorrente nos dias de hoje é descrita por Luis Porcher (apud FREIRE e GUIMARÃES, 2003). Os adultos bloqueados diante do computador acabam se irritando, quando entra em cena um garoto de no máximo 10 anos, “que é o sobrinho, o filho ou o neto [...] e bate em duas ou três teclas e a coisa anda”, ou seja, “o menino sabe”.

Acostumados a *zapear*<sup>1</sup>, crianças e jovens muitas vezes, se mostram mais experientes que os adultos, desenvolvendo, desde muito cedo, modos próprios de se relacionar e interagir com os meios. No entanto, a cultura do *zapping*, tão familiar aos jovens de hoje, não traduz apenas um modo diferente de ver tevê. Os modos específicos de ler imagens e textos digitais são, conforme nos diz Magda Soares, decorrentes de um outro letramento, que pode ser também identificado no clicar das teclas de um computador ou no ritmo acelerado de alguns games/ jogos eletrônicos. Trata-se, portanto, de novos modos de compreender, perceber, sentir, representar e se relacionar com a vida e com o mundo, marcando a trajetória de cada sujeito-leitor e somando-se a ela.

Ao construir diferentes percursos para ler os diferentes textos, o leitor se torna também autor. Roger Chartier, importante historiador do livro, ressalta que, se há mudanças nos processos de leitura, a concepção e o lugar do leitor, igualmente, passam por uma revolução. Assim, ao interferir no texto eletrônico, cortando-o ou ampliando-o, o leitor também se faz autor.

## A CONVERGÊNCIA COMO ESPAÇO DE ENCONTRO DAS PALAVRAS

Tema ainda pouco explorado, sobretudo no meio educacional, o conceito de convergência<sup>2</sup>(de mídias), segundo Briggs e Burke (2004),

---

<sup>1</sup> **Zapear**: um modo de ver TV, usando o controle remoto para mudar de canal em canal, criando, assim, uma nova edição do material televisivo. Ao “zapear”, colamos imagens de vários programas e diferentes canais. Para Certeau (2002), o *zapping* seria uma *tática de praticante*, isto é, uma maneira pela qual o telespectador, aparentemente frágil, tentaria transgredir o poder da televisão – *uma nova forma de andar pela floresta audiovisual à caça de novos sentidos*.

<sup>2</sup> **Convergência**: s. f. Ato de convergir; ponto ou grau em que linhas, raios luminosos, objetos etc convergem; (biol) Formação evolutiva de caracteres semelhantes em grupos distintos; formação de similaridade sucessiva entre organismos ou associações antes distintas (Dicionário Aurélio).

vem sendo aplicado, desde 1990, “ao desenvolvimento tecnológico, à integração de texto, números, imagens, sons e a diversos elementos da mídia.” Na década de 70, o termo era usado para designar a ligação entre os computadores e as telecomunicações e, subseqüentemente, aplicado a organizações e processos, especialmente à junção de indústrias de mídia e telecomunicações.

Nosso objetivo é promover aqui a reflexão sobre o conceito de convergência na perspectiva da apropriação crítica das mídias e sua integração às práticas pedagógicas, a partir do encontro de suas diferentes linguagens e possibi-

lidades. Não se trata de buscar uma *sobreposição compulsória* de um recurso sobre o(s) outro(s), a ser estabelecida obrigatoriamente em todos os momentos, mas a compreensão de que cada mídia tem peculiaridades e pode, a seu modo, disponibilizá-las para o tratamento de um tema. Assim, uma das necessidades que se apresenta é a de identificar como e com que recursos a tv, o rádio, o jornal e o computador, entre outros, são organizados e articulados para *contar suas histórias*, observando nesse processo como e quando se encontram ou se distanciam, como podem ser complementares ou de uso específico.

A capacidade de fazer uso das diversas tecnologias disponíveis, para acessar informações e/ou produzir novos conhecimentos, é condição essencial a leitores/escritores críticos, prontos a interagir com os diferentes tipos de texto e suportes textuais, bem como com os diversos modos de lê-los e produzi-los, sem se desviarem de seu roteiro de viagem ou se perderem nos atalhos dos múltiplos sentidos e formas.

Por meio das várias leituras, dos vários conceitos e informações ruminados, refletidos, construímos novos conceitos, reformulamos idéias, fazemos associações, tecemos conexões e interligações. E, neste movimento, ampliamos as possibilidades de uso da palavra, instrumento privilegiado da comunicação e da constituição de conhecimentos e valores na vida cotidiana, seja por intermédio de uma folha de papel, da lente de

É preciso colocar as pessoas nessa situação de curiosidade, nessa possibilidade de exploração.

Não individualmente, não sozinhas, mas juntas, em grupo. Para que tentem se conhecer e conhecer o mundo a sua volta. E, uma vez compreendido esse princípio de base, todos os meios servem [...]

Os meios audiovisuais, interativos, os mundos virtuais, [...] tudo o que quisermos.

(LEVY, 2002)

uma câmera ou da tela de um computador. Enfim, produzimos linguagem, que, na perspectiva Bakhtiniana, não pode ser concebida apenas como um sistema abstrato, mas também como uma criação coletiva, que integra um diálogo cumulativo entre o *eu* e o *outro*, entre muitos *eus* e muitos *outros*. As palavras são, assim, tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos, servindo de trama a todas as relações sociais em todos os domínios.

### **MUDANDO DE CANAL: BUSCANDO UM DIÁLOGO POSSÍVEL**

Há mais de 40 anos atrás, McLuhan afirmava que “o meio é a mensagem.” Apontado por muitos especialistas de seu tempo como um visionário, o autor revelava uma dimensão fundamental a ser considerada, sobretudo nos dias atuais: a inexistência de neutralidade nos meios tecnológicos, tese muito em voga em sua época, que já não apresenta a mesma força hoje.

Reforça-se, com isso, que a idéia de apropriação crítica das mídias e sua integração às práticas pedagógicas envolve, necessariamente, a possibilidade de um diálogo efetivo, que ultrapasse a dimensão do mero domínio contemplativo ou técnico, no trato com *imagens, fios e teclas*. Mais que isso, é necessário compreendermos os diferentes textos do rádio, do jornal, da TV, do computador, entendendo sua lógica de produção e circulação na sociedade, bem como os sentidos, os significados e os impactos de suas mensagens sobre os processos constitutivos de cada pessoa.

Mais uma vez, verificamos que o estabelecimento desse diálogo não apresenta consenso. Segundo Gláucia Guimarães (apud BARRETO, 2003), “muitos dos estudos que versam sobre a relação entre tecnologias e educação, sobretudo entre a TV e a escola, giram em torno do velho paradoxo elucidado por Umberto Eco: os apocalípticos e os integrados.” Os primeiros apontam que a TV provoca passividade, consumismo, alienação, entre outros malefícios, e os últimos destacam a possibilidade de ampliação dos sentidos, a democratização do conhecimento e de posições plurais como algumas de suas contribuições.

Buscando superar a dicotomia entre a apologia das tecnologias na escola e sua total rejeição, um caminho possível seria concentrar o foco de análise, não nos meios ou na recepção, mas nas relações que se estabelecem entre eles. Barbero (1992, p. 20) ressalta a mediação como categoria de análise da relação receptor-meio, propondo a leitura crítica dos meios a partir da problematização de seu conteúdo e forma e suas interfaces com os valores hegemônicos.

As mediações são *o lugar* a partir do qual é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção: o que se produz na televisão não atende unicamente às necessidades do sistema industrial e às estratégias comerciais, mas também a exigências que vêm da trama cultural e dos modos de ver. Estamos firmando que a televisão não funciona sem assumir - e, ao assumir, legitimar - as demandas que vêm dos próprios receptores; mas por sua vez, não pode legitimar essas demandas sem resignificá-las em função do discurso social hegemônico.

Cabe refletir sobre os caminhos a percorrer na direção de um projeto educativo que não se restrinja a formar consumidores capazes de apertar botões e teclas, mas que favoreça a constituição de cidadãos cada vez mais capazes de fazer sua própria crítica e de realizar escolhas conscientes.

A questão que se coloca é como fazer da escola, enquanto instituição social e histórica, um espaço de constituição de alunos e professores, que possibilite não só o acesso às diferentes mídias, mas à apropriação crítica de suas linguagens e conteúdos, ampliando as possibilidades de ser, estar e interagir com/no mundo, a partir de práticas pedagógicas que se coloquem a favor de uma educação plural e cidadã.

Retornando ao exemplo da professora que levou a TV para a sala de aula, precisamos refletir sobre quais são as concepções de professores e alunos acerca da mídia, suas linguagens e especificidades, bem como sua relação com a escola e os processos constitutivos de conhecimentos e subjetividades. Tais concepções circulam em sala de aula? Como se relacionam? As diferentes formas de entender e explicar essa relação são compartilhadas?

Questões como essas precisam ser consideradas no momento em que planejamos a ação educativa.

# EDUCAR PELA MÍDIA

## EDUCAR PARA A MÍDIA

## EDUCAR COM A MÍDIA

Inicialmente, é preciso considerar que as questões a seguir se evidenciam num contexto específico, constituído no âmbito da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. É nele e para ele que se configuram as diferentes vozes que compõem a tessitura de um currículo voltado para os cidadãos e cidadãs desta cidade: a Multieducação.

Na sociedade globalizada do conhecimento e no âmbito das mais de 1000 (mil) Escolas Públicas da Prefeitura do Rio, desde 1993, houve uma decisão coletiva de educar pela, para e com a mídia, como um direito de professores e alunos a um novo paradigma educacional, que é diretamente influenciado pela “dimensão mídia”. Esta nova dimensão da vida humana, que, na atualidade, altera as próprias dimensões de espaço e tempo, ao lidar com os conceitos de real e virtual, concomitantemente, pode potencializar, vigorosamente, as políticas educacionais da Prefeitura do Rio.

A MULTIRIO, Empresa Municipal de Multimeios, criada pela Lei Municipal 2029, em outubro de 1993, representa um marco importante nessa trajetória. Atuando em consonância com a política educacional da Secretaria Municipal de Educação, e em consequência de um paradigma de educação sintonizado com seu tempo, vem, por intermédio de seus profissionais, desenvolvendo diversas ações voltadas para a produção de mídias de qualidade e sua apropriação por professores e alunos. Assim, em consonância com os Princípios Educativos e Núcleos Conceituais da MultiEducação, onde as linguagens, como as das mídias, ocupam um lugar essencial na constituição de conhecimentos e valores, a Multirio desenvolve, em conjunto com a SME, um trabalho com as escolas da Prefeitura do Rio, em que professores e profissionais de rádio, TV, de



tecnologias da informação e de publicações unem seus esforços para viabilizar uma educação pública contemporânea e de qualidade.

Na hora do recreio, os estudantes dão seu recado pelas rádios escolares. Recados, pesquisas e projetos que também podem ser conferidos na rede mundial de computadores. Hoje a internet hospeda várias páginas das escolas da Rede Municipal de Ensino. Além da linguagem web, os jovens também já dominam técnicas de vídeo, produzem animações e ensaios fotográficos. Isso sem contar a elaboração de informativos, jornais e livros eletrônicos [...]

(NÓS DA ESCOLA, 2002)

No caminho da apropriação crítica das mídias e seus impactos nos processos constitutivos de novas expressividades, a escola, como espaço social de acesso a múltiplas linguagens e de ampliação das possibilidades de representação do mundo, se encontra diante de mais um importante desafio: a construção de um projeto educativo que viabilize a aproximação e a integração dos campos da educação e da mídia. Assim, a inserção de práticas mídia-educativas na escola se impõe como necessidade, o que pressupõe o olhar e a escuta atentos sobre as pessoas diretamente envolvidas nesse processo, professores e alunos. Com seus modos de ver e ouvir, criar e recriar diferentes linguagens, eles negociam, cotidianamente, os sentidos das diferentes mídias (o rádio, a TV, os DVDs, os computadores, os CDs, os celulares, os jogos eletrônicos etc), seus conteúdos e formas, transformando seus significados dentro da escola e fora dela.

Tanto pela presença quanto pela ausência, a tecnologia entra na teia do cotidiano escolar e permeia as relações estabelecidas ali, gerando perguntas em torno de si. Como acontece o espaço-tempo no cotidiano escolar? [...] Qual a importância da tecnologia na vida e nos sonhos de ascensão pessoal e profissional de alunos e professores? Como a experimentam? Como a reinventam? Que relações estabelecem entre o que aprendem “fora e dentro” da escola? (PRETTO, 2002).



Imagens do CD - Mostra de Trabalhos da E.M. Presidente Médici e do Pólo de Educação pelo Trabalho - E / 8ª CRE, no Seminário A Escola na Idade Mídia - RJ, 2002.

Ao tratarmos da Educação pela mídia, com a mídia e para a mídia, estamos nos referindo à possibilidade de, entre outros aspectos, reconhecer a contribuição das mídias para a reconfiguração das relações entre o(s) sujeito(s) que aprende(m) e o conhecimento, considerando, no caso da escola, a importância da mediação do professor.

Embora intimamente relacionadas, essas três perspectivas apresentam particularidades. Destacaremos algumas delas a seguir:

A primeira perspectiva – educar pela mídia - talvez seja a mais conhecida no meio educacional. Seu principal exemplo é o que comumente se denomina Educação a Distância (EAD). Desde os primeiros cursos por correspondência e as aulas transmitidas via rádio, até as teleaulas e a educação on-line, essa modalidade traduz a possibilidade de utilização de diferentes mídias como meio de aproximação entre sujeitos e conhecimentos, permitindo modos diferenciados de organização do tempo-espço de estudo.

Educar com a mídia corresponde ao que já se realiza em muitas de nossas escolas, ainda que se considere a necessidade de uma exploração mais efetiva das variadas potencialidades dos meios. Tal perspectiva

pressupõe, dentre outros aspectos, o conhecimento das diferentes possibilidades da TV, do rádio, do jornal, do computador etc, identificando como cada um deles pode, a seu modo, contribuir para ampliar as relações de ensino e o próprio processo de constituição de novos conhecimentos, valores e atitudes. Faz-se necessário, portanto, perceber qual(is) o(s) meio(s) mais adequado(s) ao tratamento de determinado assunto, em cada situação. Ao tratar da questão da água e sua preservação, por exemplo, o professor pode utilizar revistas, jornais impressos e/ou vídeos sobre o tema, promovendo uma série de desdobramentos com seus alunos a partir de consultas à internet. As sínteses produzidas a partir do estudo podem gerar sites, blogs, livros, animações etc elaborados com/pelos alunos.

Com relação à última perspectiva - educar para as mídias - é preciso considerar a importância de que professores e alunos se apropriem de forma crítica das diferentes mídias, suas linguagens e estéticas, o que envolve não apenas as oportunidades de acesso aos meios, como também a vivência de atividades voltadas para os seus modos de produção. Aqui o trabalho conjunto entre SME e Multirio tem sido essencial para ampliar e aprofundar a crítica sobre o uso da mídia.

Considerando o exemplo anteriormente citado, a análise dos diferentes produtos de mídia que são veiculados e consumidos, assim como o exercício de realizar diferentes produções, incorporando o uso das mídias, são essenciais a uma ação educativa voltada para o fortalecimento de uma atitude crítica e cidadã, capaz de se relacionar de modo próprio com os meios, contribuindo para que alunos e professores possam exigir, cada vez mais qualidade das produções que circulam na sociedade.

No caso da escola, espera-se que a qualidade se manifeste nos diferentes produtos, principalmente por meio da precisão de conteúdos abordados e informações prestadas, do respeito à diversidade, da promoção de valores inclusivos de democracia e justiça, favorecendo, enfim, a cidadania e gerando memória duradoura sobre conhecimentos e valores essenciais à vida. Mas, além da qualidade das produções, é preciso considerar a necessidade de qualificar a recepção, ou seja, como estas produções são percebidas pelos espectadores. Os educadores têm, assim, um papel fundamental no que se refere às intervenções pedagógicas necessárias para a formação de um *público* mais exigente, com alunos *espectadores-autores* capazes de realizar opções cada vez mais conscientes.

## *Como tratamos destas questões na escola?*

### *Quais seriam, então, os nossos desafios?*

Mais do que encaminhar o esgotamento de possíveis respostas ou a busca de fórmulas prontas, estas e outras questões devem nortear a reflexão de cada grupo, nos momentos em que planeja sua ação.

A experiência acumulada nos últimos anos, a partir de diversos programas e projetos desenvolvidos na Rede Pública Municipal de Ensino, tem contribuído decisivamente para a construção de uma proposta de trabalho que considere a *dimensão mídia*: as Salas de Leitura-Pólo, com seus núcleos de mídia, os Pólos de Educação pelo Trabalho, os Núcleos de Arte, os laboratórios de informática do Programa de Informática Educativa e do PROINFO, todo o trabalho desenvolvido com a Multirio e, ainda, as diversas iniciativas das demais unidades escolares, com projetos e parcerias exemplares em cada uma das dez Coordenadorias Regionais de Educação.



Laboratório de Informática E.M. Londres – E/3ª CRE

Todas essas ações evidenciam a importância de cada passo na direção da construção dessa história, mas, sobretudo, sinaliza o quanto ainda há por caminhar.

Nesse sentido, alguns pressupostos serão apresentados a seguir, sistematizando os principais aspectos norteadores para a construção/consolidação de práticas mídia-educativas na escola:

- ⌘ **A TV, o rádio, o jornal e a internet, entre outras**, precisam ser compreendidas como **mais do que meras ferramentas de apoio ao trabalho pedagógico** ou simples **aparatos** para tornar a aula mais interessante. Estas tecnologias constituem uma dimensão que atravessa as relações sociais que se estabelecem dentro e fora da escola, alterando as relações tempo-espaço;
- ⌘ O desenvolvimento de práticas mídia/educativas na escola não se traduz pelo simples uso de diferentes mídias na sala de aula. É preciso refletir sobre as **bases teóricas que fundamentam a ação educativa** a fim de evitar o risco de que *novas tecnologias sirvam* apenas para reforçar *velhas metodologias*;
- ⌘ A presença de equipamentos na escola como TV, vídeo, câmeras fotográficas, computador etc é condição importante, mas não suficiente, para o **desenvolvimento de práticas de leitura e produção de textos tecidos por linguagens diversas**. Faz-se necessário reconhecer e validar práticas interativas que considerem a diversidade, a pluralidade e a multiplicidade de diálogos, buscando **redimensionar os padrões de interação nas salas de aula**;
- ⌘ As ações pautadas pela total rejeição às mídias e aos seus usos, ou por atitudes de *deslumbramento* diante da *ilusão redentora* dos meios, não favorecem o desenvolvimento de práticas mídia-educativas significativas na escola. A apologia da tecnologia como panacéia

pedagógica, assim como sua total negação, não contribuem para o **desenvolvimento do trabalho numa perspectiva crítica de apropriação e produção;**

- ⌘ O acesso às mídias na escola envolve a compreensão das tecnologias como fruto de uma produção social que constitui identidades e valores e, ao mesmo tempo, é por eles constituída. Mais do que uma preparação restrita à aquisição de habilidades técnicas específicas para o uso dos diferentes meios, faz-se necessário **compreender os processos pelos quais professores e alunos estabelecem múltiplas relações para acessar, interpretar, criticar e produzir novas informações e conhecimentos**, no contexto das diferentes linguagens, ampliando suas possibilidades de ser e estar no/com o mundo;
- ⌘ A apropriação crítica das tecnologias da informação e comunicação na escola envolve, necessariamente, o **exercício cotidiano das trocas efetivas entre professores e alunos**, buscando constituir coletivamente novos conhecimentos, a partir dos diversos contextos de uso, produção e articulação das diferentes linguagens. Entende-se que é neste contexto de **parceria e co-autoria**, e a partir dele, que se estabelecem as **mediações necessárias ao processo de negociação de sentidos;**
- ⌘ A incorporação e o desenvolvimento de práticas mídia/educativas ultrapassam a perspectiva reducionista da *escolarização/didatização dos meios*. Para além da *aula de informática* ou da *hora do vídeo*, tais práticas devem estar a serviço de um **currículo vivo**, cuja dinâmica não se limite à realização de atividades ou eventos estanques, mas que, ao contrário, possibilite o **acesso diversificado às diferentes linguagens, tanto nas salas de aula como nos demais espaços da escola**. Tais atividades precisam estar em consonância com o projeto político pedagógico, desenvolvendo ações que envolvam a comunidade escolar no exercício cotidiano de trocas significativas;
- ⌘ As atividades pedagógicas a serem desenvolvidas devem, sempre que possível e necessário, propiciar aos alunos e professores a

**identificação das possibilidades de encontro do computador com a tv/vídeo, o jornal, o rádio e o livro, entre outros**, propiciando uma frutífera convergência de mídias. O diálogo entre as respectivas linguagens e destas com os diferentes atores envolvidos, contribui para a observação das características e particularidades de cada uma delas, dos aspectos éticos e estéticos subjacentes e da sua relação com/no processo de produção de sentidos na escola e fora dela;

⌘ **Os alunos** devem assumir, cada vez mais, nesse processo, seu espaço de **protagonismo**, saindo do lugar de meros espectadores para o de autores de suas próprias histórias e, eventualmente, co-autores. Destaca-se, portanto, a importância de propor experiências diversas em que os alunos sejam desafiados a **pensar de diferentes modos, colocando em jogo suas hipóteses, confrontado idéias para construir coletivamente novas sínteses**;

⌘ **Os professores, mediadores preferenciais**, têm como eixos fundamentais de sua ação o trabalho coletivo e cooperativo, a atitude crítica investigativa e o exercício da autoria. Nesse sentido, um aspecto é essencial e deve ser considerado em destaque: **a atitude permanente de abertura ao novo**, o que envolve coragem e ousadia para criar e recriar a cada dia o significado de seu trabalho;

⌘ **A escola - espaço de cruzamento de saberes e de culturas** - precisa considerar a necessidade de consolidar suas propostas, a partir da elaboração coletiva e do fortalecimento de seu **Projeto Político Pedagógico**. Refletindo sobre seu papel, limites e possibilidades, ela estará se colocando a serviço do desenvolvimento de ações que promovam a aproximação entre mídia e educação.

Essa tarefa não pode ficar circunscrita aos saberes e práticas de um professor ou de grupos específicos. **O desafio está colocado e deve ser assumido por todos os educadores**, independentemente do ano/série ou da modalidade /disciplina em que atua, traduzindo-se nos fazeres coletivos de cada espaço-tempo do cotidiano escolar.

# E A CONVERSA CONTINUA...

Queremos que as crianças do mundo real possam se ver na tv. Queremos personagens que quebrem preconceitos. Queremos programas de rádio e tv que ouçam e respeitem nossa opinião. Onde tenhamos a liberdade de dizer o que pensamos. Queremos programas de TV, jornais, de rádio e sites da internet feitos por nós, aqui no nosso país, e em qualquer lugar do mundo! Esperamos que todas as crianças, inclusive as portadoras de necessidades especiais, se vejam representadas nas mídias. Todas as crianças devem ser tratadas com igualdade!

Mensagem dos alunos Silas de Melo Silva, da E.M. Pernambuco - E/3ª CRE e Fernando Diniz da Silva, da E.M. Narcisa Amália - E/10ª CRE, no lançamento da 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Jovens - RJ, 2004.

A fala de nossos alunos fortalece a convicção de que as questões apresentadas nesse documento certamente não se esgotam aqui, somando-se a muitas outras, oriundas dos diferentes espaços existentes no âmbito da Secretaria Municipal de Educação e para além dele. Tais questões devem traduzir-se, portanto, num convite à reflexão/ação de todos aqueles que contribuem com suas diferentes vozes, corações e mentes para a constituição dos fios e tramas que compõem essa *Rede*.

A compreensão e o reconhecimento da necessidade de abrir cada vez mais espaços para a discussão sobre as mídias e seu papel na sociedade contemporânea é, como já foi dito, mais um desafio que se impõe à escola, trazendo demandas diferenciadas que nos orientam para a (re)visão dos sentidos e significados das práticas educativas.

Seja para entreter, informar ou educar, as diferentes mídias estão inegavelmente presentes em nosso cotidiano, nos afetando direta e/ou indiretamente, num complexo contexto que se configura com elas/ a partir delas. Não estamos imunes ao turbilhão de palavras, imagens, sons, cores e formas, que veiculam idéias, valores e modos de ver e se

O problema está em saber se a escola vai ser capaz de ensinar a ler livros não só como ponto de chegada mas também de partida para outra alfabetização, a da informática e das multimídias. Isso implica pensar se a escola está formando o cidadão que não sabe só ler livros, mas também noticiários de televisão e hipertextos informáticos.

(BARBERO, 2000)



relacionar com a realidade. Mas, neste intrincado jogo de produção e negociação de sentidos, a TV, o rádio, o jornal e o computador também refletem valores, desejos, aspirações e expectativas de crianças, jovens e adultos, nossos alunos e professores, sendo por eles constituídos.

Num mundo em permanente movimento e transformação, as mídias, como produto da criação humana, continuarão também sua trajetória, buscando ampliar, entre outros aspectos, seu poder atrativo e interativo. A TV de hoje já não é a mesma de cinco ou dez anos atrás. A última novidade em termos de computadores ou a nova versão de um software rapidamente são superados, tornando-se obsoletos. Nesse cenário marcado pela instantaneidade e provisoriedade, ontem e hoje, agora e depois se misturam e se confundem.

Aos educadores, mais do que nunca, cabe, entre outras tarefas, a de (re)pensar sua ação, compreendendo-se também como protagonistas nesse processo. Desse modo, em vez de se situar entre rejeitar ou negar a presença da mídia na escola, é preciso discuti-la, aprender a lidar com ela e aplicá-la de acordo com o projeto político pedagógico.

### O ESPANTALHO



Michael e Leonan

### MENINOS SOLTANDO PIPA



Leandro e Thiago Paulo

Imagens retiradas do CD – Pintando com Portinari - produção da profª Maria Helena Santos da Silva com os alunos da E.M. João Gualberto Jorge do Amaral - E/10ª CRE.

Entendendo a história como tempo de possibilidades e não de determinismos, Paulo Freire (2003) nos aponta que, para construir o amanhã, é necessário, a partir da compreensão do ontem, entender e refletir sobre o hoje, o que implica “a responsabilidade ética do ser humano como ser da decisão, da ruptura e da opção.”

O currículo de *uma escola sintonizada com as demandas de seu tempo* pressupõe o desenvolvimento de ações que favoreçam a reflexão sobre o tipo de sociedade que temos/queremos. Este repensar possibilita o desenvolvimento de práticas em que a *lógica do ter* ceda lugar à *lógica do ser*, pautada por valores como solidariedade, trabalho coletivo e ética, de modo que todos nós, que educamos e somos permanentemente educados, possamos atribuir a cada dia, novos sentidos para o exercício da humanidade.

Na mídia como na educação, é necessário tomar consciência do fato de que uma verdade é provisória, sempre transitória. Por outro lado, ‘a verdade não é meu objeto, nem meu sujeito, mas meu projeto’, como explica Bachelard. O projeto subentende uma construção em direção à qual vamos, que implica nossa responsabilidade, nosso modo de apropriação do saber.  
(PORCHER apud FREIRE e GUIMARÃES, 2003)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BABIN, P. ; KOULOUMDJIAN, M. F. **Os novos modos de compreender**: a geração do audiovisual e do computador. São Paulo: Paulinas, 1989.

BARRETO, R.G. **Formação de professores, tecnologias e linguagens**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

BELLONI, M.L. **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. **O que é Mídia-Educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

\_\_\_\_\_. Formação do telespectador: uma experiência de educação para mídia. In: ANPED, 15., 1992, Caxambu. **Comunicação e Educação**. Caxambu, 1992.

BRIGGS, A. ; BURKE, P. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

CEARÁ. Secretaria de Cultura e Desporto. **Televisão, publicidade e infância**. Fortaleza: 2000.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

COSCARELLI, C.V. (Org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FEILITZEN, C.V. ; CARLSSON, U. **A criança e a mídia**: imagem, educação e participação. São Paulo: Cortez, 2002.

FELDMAN, M. TV na Escola: nem Deus nem o Diabo na Terra do Sol. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v.3, n.17, set./out. 1997.

FERRÉS, J. **Televisão e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FIGUEIREDO, V.L.F. (Org.). **Mídia & Educação**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

FILÉ, V. ; LEITE, M. (Orgs.). **Subjetividades tecnologias e escolas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FILÉ, V. (Org.). **Batuques, Fragmentações e Fluxos**: zapeando pela linguagem audiovisual no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FREIRE, P ; GUIMARÃES S. **Sobre Educação (diálogos)**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, v.2, 2003.

GUIMARÃES, G. TV na escola. In: BARRETO, R.G. In: **Tecnologias educacionais e educação a distância**: avaliando políticas e práticas. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

- LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002.
- MAGDA, S. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Revista de Ciência da Educação-Educação & Sociedade**, Campinas, v.23, n.81, p. 143-160, dez, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- \_\_\_\_\_. Desafios Culturais da Comunicação à Educação. **Comunicação e Educação**. São Paulo: Segmento/USP, n. 18, maio/set. 2000, p. 51-61.
- \_\_\_\_\_. Novos regimes de visualidade e descentramentos culturais. In: FILÉ, V. (Org.). **Batuques, Fragmentações e Fluxos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- MARTÍN-BARBERO, J. ; GEHMÁN, R. **Os exercícios do Ver: hegemonia audiovisual**. São Paulo: Editora SENAC, 2001.
- MARTÍN-BARBERO, J. ; MUÑOZ, S. (Coord.). **Televisión y melodrama**. Bogotá: Tecer Mundo, 1992.
- MEYROWITZ, J. La televisión et l'integration des enfants: la fin du secret des adultes. **Resseaux**, n. 74, Paris: 1995.
- NÓS DA ESCOLA. Rio de Janeiro: Empresa Municipal de Mídias, n. 11, p. 21-23, 2002.
- PILLAR, A. D. **Criança e televisão: leituras de imagens**. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- PRETTO, N. de L. **Uma escola sem/com futuro**. 4. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2002.
- QUINO. **Toda a Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- RAMAL, A. C. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **Núcleo Curricular Básico Multieducação**. Rio de Janeiro, 1996.
- SILVA, E.T.da (Org.). **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, 2003.
- SILVA, M. **Educação online**. São Paulo: Loyola, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.
- SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- SOUSA, M. W.(Org.). **Sujeito o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002.